



DOI: 10.14393/DL34-v12n2a2018-20

Complexidade dos sentidos sociopragmáticos: o caso das desculpas

Sociopragmatics means complexity: apologies case

*Maria Célia Lima-Hernandes**

*Karina Viana Ciocchi-Sassi***

*Lucilene Lisboa Rehberg****

RESUMO: O objetivo deste estudo exploratório é compreender em que medida as intenções pragmáticas podem ser validadas pela proposta sociocognitiva do princípio de iconicidade no campo das Línguas de Herança. Para que isso fosse possível, adotamos o método contrastivo colocando lado a lado as respostas elaboradas em contexto de língua materna e de língua de herança. O objetivo mais geral que ampara a pesquisa é saber se as estratégias adotadas para pedir desculpas poderiam, no contexto de ensino de português brasileiro e a falantes de língua de herança constituir-se um problema pedagógico. Hipotetizamos que a forma de se desculpar permite demonstrar quão relevante é aprender as regras de polidez na língua-cultura em que o falante de LH se encontra inserido.

PALAVRAS-CHAVE: Língua de Herança. Língua Materna. Pragmática. Polidez. Desculpas.

ABSTRACT: The purpose of this explanatory study is to understand, how a pragmatical intention can be validated by the socio-cognitive purpose of the iconicity principle in the heritage languages field. In order to achieve it, the contrastive method was adopted by placing elaborated answers side by side in a context of the mother tongue and the heritage language. The overall goal that supports this survey is to find out whether the assumed strategies for apology could create a pedagogical problem in both contexts, of the Brazilian Portuguese and of heritage language teaching. We hypothesized that the way of excuses of language allows to demonstrate how relevant is to learn the rules of politeness in the culture language which the heritage language speaker has been inserted.

KEYWORDS: Heritage Language. Mother tongue. Pragmatics. Politeness. Apologies

* Livre-docente em Linguística Histórica da Universidade de São Paulo (USP). mceliah@usp.br

** Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo (USP). kvciocchi@hotmail.com

*** Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, lulisboa.rehberg@gmail.com

1. Introdução

Diz o ditado popular que “Nosso verdadeiro amigo é aquele que nada nos desculpa e tudo nos perdoa”. Ele diz muito acerca da sociopragmática brasileira, do que esperamos daquele a quem vamos pedir desculpas (ou escusas)¹, porque permite pensar na diferença que há entre desculpar e perdoar. Diz, contudo, muito pouco sobre sentimentos e emoções daquele a quem pedimos desculpas.

Nos enquadramentos pragmáticos de interações sociais em que as desculpas são necessárias, ao interlocutor competem algumas possibilidades socioculturais para a elaboração da resposta. A mais educada dessas possibilidades orienta que as desculpas sejam acolhidas. Os silêncios, nesses contextos, não são admitidos, pois implicam quebra de regra sociocultural de polidez². Sendo assim, quando silêncios ocorrem, tornam-se imperdoáveis, por soarem como desprezo ou mesmo como falta da amizade cuja existência se intui. Em outras palavras, ao pedirmos desculpas, esperamos que o interlocutor as acolha, sem opção ao silêncio.

É certo que os motivos alegados para a falha cometida são de suma importância para que a acolhida à desculpa se manifeste de forma imediata e efetiva, ou seja, dar um motivo justo para um erro cometido ou para a falha que se pretende cometer (no caso de um erro inadvertido) é o que se espera. Está implicado nesse enquadramento interativo, com essa ação de pedir o perdão, a obrigação alheia de aceitar nossa falha. Esse contrato permite manter a amizade e solicita, em simultâneo, a cooperação do outro, que deve, sob a ameaça velada de sanções irreversíveis, compreender o motivo da falha ou do erro e, ainda, reverberar essa atitude tão justa (e humana) que o outro demonstrou.

¹ No campo da sociocognição, ao estudarmos os efeitos pragmáticos de equívocos ou erros, empregamos indistintamente os termos desculpas e escusas.

² Há contextos em que o silêncio é uma resposta culturalmente aceita. Citamos como exemplo o estudo realizado por Philips (1998) com a comunidade indígena de Warm Springs (Oregon).

Invariavelmente, esquecemo-nos, no entanto, de que essa é uma conduta sociocultural, ou seja, pode ter efeitos insuspeitos em culturas diversas. Estamos afirmando que as atitudes de uma e de outra parte de interlocutores são respostas socioculturalmente construídas e que, por isso mesmo, devem ser alvo de ensino-aprendizagem no que se refere ao ensino no contexto de língua de herança. Em que medida a desculpa brasileira caberia num contexto norte-americano ou chinês? Essa é a questão que colocamos como central para tratar de conhecimentos sociopragmáticos vinculados à Língua de Herança (LH).

Pretendemos, com essa estratégia metodológica, responder à seguinte questão: falantes de LH empregariam as nuances sociopragmáticas relacionadas às desculpas da mesma forma que os indivíduos em sua língua materna? A hipótese que subjaz a esse encaminhamento é que camadas sociopragmáticas de interação são altamente vinculadas à sociocultura e exigiriam, em tese, a intermediação de pessoas mais dentro da cultura (uma espécie de intérprete) para que indivíduos mais afastados dessa situação de interação possam alcançar o entendimento local e serem efetivos em comunicação intercultural. Uma segunda hipótese, de cunho mais explanatório no campo da teoria sociocognitiva, refere-se à atuação do princípio de iconicidade (GIVÓN, 2009)³: quanto mais longa a desculpa, mais complexa e menos acessível será sua construção linguística. Nesse sentido, indivíduos mais afastados da sociocultura, maior dificuldade terão em elaborar as desculpas mais complexas. Por outro lado, mesmo que a informação seja aparentemente menos complexa, indivíduos afastados da cultura teriam maior dificuldade de acesso a informações se a sintaxe for resultante de processos de mutação guiados por mecanismo metonímico ou se a semântica for resultante de processos metafóricos.

³ A resposta adaptativa da espécie humana, segundo Givón (2009), reflete-se em 3 aspectos da comunicação humana: a. deslocamento da referência espaço-temporal; b. atos de fala declarativos; e c. discurso multiproposicional. Postulamos que as desculpas atendem a esses mesmos aspectos, porém num enquadramento de ato de fala indireto, uma vez que este tipo de ato de fala prevê que o outro aja em resposta numa ação discursiva prevista culturalmente.

2.1. As escusas na Ciência

De acordo com definição de Ogiermann (2009), as desculpas refletem uma ação compensatória que objetiva restaurar o equilíbrio social. Ele recorre a Goffman (1971, p. 109), que assim define o termo: “change the meaning that otherwise might be given to an act, transforming what could be seen as offensive into what can be seen as acceptable”. As desculpas, nesse sentido, ocorrem depois de uma ofensa que não necessariamente precisa ser revestida de fonemas e de prosódia, ou seja, pode ser uma ofensa por quebra de protocolo socioculturalmente construído.

Ainda Ogiermann (2015) alerta para a pouca atenção que as desculpas têm recebido no campo da Linguística, Filosofia, Sociologia e Psicologia. É fácil constatar isso. Numa longa busca por trabalhos sobre desculpas em PB, identificamos um trabalho sobre outro procedimento pragmático bastante interessante, que está altamente relacionado com as desculpas. Trata-se dos agradecimentos, um tipo de formulação pragmática aparentemente construída em sentido diverso das desculpas, mas, como as próprias autoras revelam, em grande parte dos dados, as desculpas se avizinham. Essa constatação coincide com os resultados do estudo exploratório que apresentamos na seção anterior.

O estudo de Fávero e Aquino (2001) priorizou a análise dos modos de agradecimento e a atuação das teorias da face. Em seu empreendimento, selecionaram como amostras entrevistas televisivas e conversas espontâneas, as quais foram analisadas numa abordagem da teoria de Brown e Levinson (1987), associada aos pressupostos de Kerbrat e Orecchioni (1997)⁴. Dessa forma, consideraram que dariam conta, de modo mais amplo, dos atos envolvidos no agradecimento, posto que nem toda manifestação positiva dirigida ao interlocutor teria a mesma motivação de

⁴ Esses autores constituem a base teórica de Fávero e Aquino (2001), estudo que permite demonstrar a importância das intenções pragmáticas desde os estudos associados à Análise da Conversação e à etnometodologia. Nesse estudo especificamente, as autoras mantêm o interesse, porém com a lógica dos postulados da Análise do Discurso.

agradecer. Com esse recorte metodológico, puderam distinguir entre dois tipos diferenciados pela forma de dizer direta ou indiretamente uma resposta contextualizada. Uma das respostas passíveis de ocorrer nesses contextos eram as desculpas, mas essas não tiveram seu enquadramento discursivo priorizado pelas autoras naquele texto.

Taylor (2016)⁵, por sua vez, investigou um subconjunto de estratégias de polidez a que nomeou *mock politeness (polidez de zombaria)*, referindo-se aos casos em que há (im)polidez implicativa, emergida de descortesias pouco categóricas quanto à marcação linguística, como é o caso do sarcasmo e da ironia. Seu estudo muito tem a contribuir com a orientação deste trabalho por colocar em contraste duas línguas diferentes tipologicamente (italiano e inglês) e o estudo da percepção de usuários em correlação com identidade cultural. Desse contraste surge nosso interesse pelas respostas no contexto de LH.

Não é incomum que escreventes/falantes dirijam-se ao interlocutor ao qual devem uma justificativa para sua falha também agradecendo pela paciência, pela acolhida ao que expressa, etc. Por essa razão, consideramos que as desculpas constituem-se enquadramentos tão amplos quanto os dos agradecimentos, pois trazem em seu interior, como demonstramos, a justificativa e o agradecimento como forma de encaminhar para uma ação futura, assim como a solução para resolver o prejuízo causado na vida do interlocutor.

Sabedoras da importância das desculpas para a inserção social de indivíduos numa comunidade, avaliamos o quanto seria produtivo inserir esse objeto como distintor de graus de inserção cultural de indivíduos os quais fossem híbridos quanto a sua língua materna. Recortamos o enquadramento investigativo numa comparação relativa entre uma adolescente que tem o português como LH e outra que tem o alemão

⁵ Taylor (2016, p. 463) refere-se originalmente assim: “More specifically, the aspect of im/politeness that is addressed is mock politeness, a subset of implicational impoliteness that is triggered by an im/politeness mismatch”.

como LH; ambas convivem com brasileiros em escolas teuto-brasileiras. Formulamos alguns contextos em que soluções tipicamente brasileiras poderiam surgir e elaboramos experimentos em que a atitude de falantes de herança pudesse ser checada. Nesta ocasião, apresentamos o cotejo preliminar entre essas duas adolescentes.

2.2. A língua de herança como um espaço de interculturalidade

A língua é uma das facetas da cultura de um povo. Imprimem-se os modos de resolver problemas e de negociar via interação de objetivos interpessoais. Ao mesmo tempo, essa dinâmica interpessoal sofre mudanças constantes, tanto nas estratégias adotadas face a face, quanto nas formas de abreviar o entendimento via língua e gramática. Justamente por isso, Tomasello (2009) prefere falar em língua-cultura, assim como a maioria dos cognitivistas o faz. Definir língua como elemento cultural por meio do que se acessa a cognição nos parece adequado, especialmente quando consideramos que o campo de nosso interesse envolve pelo menos duas línguas maternas (a língua vernácula do local em que se nasce e se estabelecem redes de interações; e a língua da mãe a qual é meio de comunicação no interior dos lares, pelo menos em fases mais tenras de desenvolvimento).

Essas duas línguas convivem perfeitamente bem no contexto que recortamos para análise. Assim, embora o mais comum, num mundo idealizado e homogeneizante, seja a cada falante corresponder uma língua materna, normalmente a que nos faz crer que seja a oficial, na realidade, o que encontramos são várias formas de comunicação, algumas das quais remetem a línguas hibridizadas, línguas diferentes tipologicamente também.

Chamemos a uma parte dessas línguas que nos interessa mais de perto de língua de herança, tal como fez Lima-Hernandes (2016) ao tratar de algumas línguas da China, ou como fizeram Lima-Hernandes e Ciocchi-Sassi (2016a, 2016b) ao tratarem

de “línguas da terra” prévias à colonização portuguesa e um tanto de outras configurações híbridas em formação. Nesse sentido, não é interesse nosso tratar de fronteiras geopolíticas, mas, sim, de fronteiras cognitivas (SARTIN, 2016) que mais adequadamente se ajustam ao falante de herança e suas identidades imbricadas entre as paredes internas do lar, (no momento em que estão no país de língua oficial majoritária e sua língua materna) ou entrecortadas pelas línguas-culturas que se cruzam (quando o falante migra ou viaja para o país de origem de sua mãe ou avós, mais especificamente em contato com sua língua de herança).

3. Metodologia

Recolhemos, a título de fase exploratória, para a construção do modelo de análise uma coleção que nos foi doada contendo e-mails passivos, produzidos, durante o ano de 2015, por discentes de graduação e de pós-graduação brasileiros, que tinham, no momento da escrita, a intenção de pedir desculpas ao líder do grupo⁶ por algum tipo de falha, tais como falta ao compromisso agendado, a postergação imprevista de entrega de atividade ou tarefa que lhes fora atribuída ou previamente acordada, e desculpas por algum tipo de incompreensão entre os interactantes em comunicação prévia. A partir disso, organizamo-los de modo a identificar padrões orientados pela intenção discursivo-pragmática. O resultado dessa organização será apresentado na subseção 3.1. Dessa forma, poderemos conduzir um estudo sobre a produção das desculpas no campo das LHs.

⁶ Após excluir os dados identificadores de remetentes e informações que pudessem permitir essa identificação, os e-mails foram organizados num arquivo .doc como uma amostra de e-mails que compartilhavam o objetivo do escrevente de pedir desculpas. Somente após, esses textos passaram a ser compartilhados com os demais autores do texto sob o rótulo “amostra pragmática de desculpas”.

3.1 Padrões de desculpas no Português do Brasil contemporâneo

Notamos, nos materiais produzidos de forma escrita, os e-mails, que três tipos de desculpas se apresentavam com revestimento sintático diferente em resposta a contextos sociopragmáticos também diversos. São eles: recusas a um convite recebido, justificativa para a falta de tempo e desculpas por ter mudado de ideia. Cada um deles atende, como já afirmamos, a uma motivação contextual diferente, mas também traz um revestimento sintático que difere em sua codificação. Marcamos em *itálico* todas as desculpas e razões selecionadas pelo indivíduo, grifados estão todos os encaminhamentos e soluções que possam resolver o impasse causado e, em **negrito**, está a desculpa como ato de fala indireto ou direto.

- a) **recusa a um convite recebido:** as desculpas que são vincadas pela volitividade do escrevente são curtas e mais diretas, podendo ou não haver um pedido mais formal e mais elaborado que denuncie a polidez. Notemos, contudo, que o rompimento da polidez fica muito mais a cargo de quem convida e invade o espaço do interlocutor sem a consulta prévia sobre haver ou não tempo para a tarefa/atividade alvo do convite. As justificativas (saúde, compromisso já assumido) na maioria das vezes ocupam uma porção sintática maior do que o pedido direto da desculpa, que nem sempre está formalmente expresso, e do que o encaminhamento de solução. Já, os encaminhamentos, majoritariamente, revelam um novo comprometimento da palavra em momento postergada e à escolha do interlocutor a quem se pede desculpas.

- (a.1) **Infelizmente** *assumi compromissos para esses dois dias, o que me impede de participar dessa avaliação.* (PB⁷, email formal, 10.03.2015)

⁷ PB equivale a Português do Brasil.

- (a.2) *Estou com crise de asma com recomendação de repouso absoluto. Podemos reagendar nossa reunião para sexta-feira?* (PB, email de aluna para professor, 4.3.2015)
- (a.3) *Solicito que, por favor, envie para algum outro colega, pois estou envolvida num projeto, em atividade intensa. **Agradeço pela compreensão, X.*** (PB, email formal a uma entidade abstrata, 6.3.2015)
- (a.4) *X., **Mil desculpas** - esta semana está atipicamente complexa e, para complicar, meu fígado resolveu dar o ar de graça - isso porque eu não bebo hahaha*
- (a.5) ***Infelizmente,** não consigo hoje mesmo. Ainda estou terminando a arguição. Mas podemos marcar um dia para conversarmos, agendarmos datas das reuniões e eu me comprometo a estar lá. Se for na USP, que dias vc tem ido pra lá?* (PB, email entre parceiros, 5.3.2015)
- (a.6) *Hoje, **infelizmente, não conseguirei ir à reunião do grupo.** Estou doidinho com finalização de relatório CERT, preparação da aula do curso de pós, que começa segunda, e fechando um artigo. Mas me comprometo a tentar, sempre, ir aos próximos encontros. **Mil perdões mesmo.*** (PB, email entre parceiros, 26.2.2015)
- (a.7) ***Querida X,** Não pude participar porque estava em viagem com a L. Como decorreu?* (PP, email entre parceiros, 15 de março de 2015)
- (a.8) *O scanner foi transferido para a Biblioteca. Peço desculpas por não ter sido feita antes, mas as informações que me davam eram inconsistentes. Hoje consegui com o próprio Serviço de Patrimônio.* (email entre colegas, 23.3.2015)
- (a.9) ***Prezados colegas, infelizmente,** não terei tempo para avaliar esse trabalho. Agradeço pela lembrança de meu nome e pela confiança em meu trabalho* (email para entidade abstrata, 6.3.2015)
- (a.10) ***Desculpe-me,** não sabia do AVC... espero que ele esteja bem.*
- (a.11) ***Oi p.,** estou na USP e vou ter aula agora de tarde e de noite. Vou chegar por volta das 23h em casa, quando eu chegar posso traduzir algumas páginas, mas não sei se vai*

dar tempo de fazer tudo e te entregar pra preparar a aula de amanhã. Peço desculpas!

(PB, email entre professor e aluno, 17.03.2015)

- (a.12) Este é só um e-mail para nos comunicarmos sobre o projeto. Desculpe a demora para enviá-lo, estou com problemas de saúde. (A infecção urinária voltou e também estou com faringite).

No exemplo (a.1), a desculpa é fronteira pelo advérbio modalizador “infelizmente” que ancora sua justificativa para a recusa no fato de já existir um compromisso previamente assumido, o que libera o receptor para negar o novo convite. Situação semelhante se desenha nos exemplos (a.2), com uma justificativa mais do que plausível para a negativa a ser formulada, e (a.3), que, seguindo a estratégia do primeiro exemplo, já se manifesta de forma a comunicar, contudo, sem qualquer modalizador, que já possui um compromisso para o período. Extraímos desses exemplos três possibilidades de recusa justificadas: a forma mais recorrente e polida (a.1, a.4, a.5, a.6) com um modalizador epistêmico em primeira posição, o que denota um certo cuidado com a acolhida do interlocutor e adesão à justificativa; com um fato incontornável que ampara a recusa (a.2, a.7, a.8) e com a recusa com justificativa no tempo, posteriormente encadeada (a.3)

Como verificamos em grande parte dos dados, as justificativas são erigidas sobre fatos incontornáveis, de modo que cada uma das desculpas apresentadas funcione como uma justificativa forte para que o que se pedia não tivesse sido cumprido. Todos os fatos são inadiáveis e devem ser aceitos como verdadeiros, posto que se realizam independentemente da volição de quem justifica a falha de compromisso.

- b) Desculpas por ter mudado de ideia:** este tipo de desculpa pressupõe maior exposição do falante/escrevente, pois já teria empenhado a palavra

anteriormente a realizar alguma ação ou participar de algum evento e, num determinado momento, deve desfazer esse compromisso. Essa ação expõe radicalmente a face do indivíduo, que deverá apresentar uma desculpa plausível para a dimensão de problema gerado na vida ou dinâmica cotidiana do interlocutor.

- (b.1) **Peço desculpa de não ter avisado.** *Minha ideia inicial era realmente participar e depois com a volta da L. viajar comigo para Lisboa, apresente minhas desculpas também aos colegas.* MJM (PP, email entre parceiras, 15.3.2015)
- (b.2) **Desculpa eu demorar um pouco com a resposta, a qual não é fácil.** Antes de mais nada, quero agradecer-te sinceramente todo o teu serviço por fazer-me visitar as universidades M. e de N. *Esse empenho revela uma certa apreciação dos serviços que posso prestar, o que me torna contente. Desde que primeiro conversamos sobre o assunto, combinar as várias viagens que tenho que fazer no outono (europeu) deste ano com uma visita no Brasil tornou-se mais difícil. Para que a coisa valha a pena (e também as despesas de todos os envolvidos), teria que dar mais de uma palestrinha em cada um dos lugares. Contudo, entretanto, as condições temporais se acanharam, de modo que já não vejo como fazer. O empreendimento acabaria sendo uma correria e poderia acarretar perdas para alguma parte. O que é mais, você não vai estar, de modo que toda a viagem perde em interesse. Em breve, agora me parece melhor adiar todo o plano para o ano que vem. Aí podemos escolher um prazo com calma. Espero que não leves a mal a mudança de condições na minha parte. Se fizermos como te proponho, tudo o que já fizeste pela minha visita não seria em vão, mas somente adiado por um ano. Um abraço cordial,* C.L. (PB LA, email entre parceiros, 2015)
- (b.3) Boa noite Professor, **Com muito pesar estou lhe enviando esse email para lhe comunicar minha desistência do projeto de ic.** *Estou trabalhando em dois*

empregos e tenho um filho pequeno, que é minha prioridade no momento. Agradeço pela atenção e peço-lhe desculpas. (Email de aluna a professor, 16.3.2015)

- (b.4) *O médico neurologista, que atenderá pela primeira vez a minha filha, pediu-me que levasse o relatório sobre a vida (ida e volta - ao Japão e para o Brasil), estudo e estado de saúde dela, acabei escrevendo seis páginas. **Infelizmente, não poderei assistir à palestra da Profa Dra A.F., nem participar na Primeira Reunião de LINCOG/2015, pois eu chegaria atrasada, e, também, devo sair mais cedo. Peço-lhe desculpas,** mas irei sem falta na próxima oportunidade.* (PB L2, Email formal, 2015)

No caso das desculpas construídas em decorrência de mudança volitiva, ou seja, nos episódios em que o pacto tratado teve de ser desfeito diante da falha ocorrida, é comum que um maior número de palavras seja mobilizado para compor a sintaxe da justificativa. Esse pano de fundo pragmático pede um quadro textual muito mais complexo e imbricador de justificativas e encaminhamentos, que, em textos mais formais, precisam vir claramente expressos sob pena de que a polidez seja manchada. Esses contextos podem, inclusive, ser vinculados a sequências injuntivas, pois praticamente obrigam o interlocutor a dar a resposta que se planejou em determinado enquadramento⁸.

4. Resultados

A história social das famílias em correlação com a história étnica de seus membros permite falar em diferenças socioculturais. Para demonstrar como essa diferença se manifesta, extraímos do *corpus* uma pequena amostragem. Trata-se das produções de duas meninas adolescentes, estudantes de escolas bilíngues alemão-

⁸ Segundo Marcuschi (2005:27), os traços linguísticos predominantes definem o tipo textual e sequência tipológica: “[...]um tipo textual é dado por um conjunto de traços que formam uma sequência e não um texto. [...]”.

português, tradicionais na cidade de São Paulo. Uma delas (Gabi, 11 anos) é falante do português como LH, é filha de pai alemão e mãe brasileira. Nasceu no Japão, mas tem fortes laços com a família alemã. Morou e estudou seu ensino básico na Alemanha. Considera sua língua materna o alemão, embora fale português com a mãe em situações domésticas. Tendo o pai sido transferido para a unidade empresarial no Brasil, teve que se empenhar no desenvolvimento mais amplo de sua LH. A outra (Maitê, 10 anos), embora tenha laços com o idioma alemão, por influência de sua escola, tem o português como LM. O alemão para ela é uma segunda língua que, em momentos muito esporádicos, utiliza.

Propusemos a ambas, com consentimento de suas famílias, que avaliassem algumas situações que criamos para experimentar as reações de cada uma delas. As meninas receberam os experimentos um a um, respondendo às questões também pela internet, em sistema *on-line*. Todas as situações experimentais foram pensadas para reproduzir situações plausíveis para a faixa etária das meninas. A ideia subjacente era demandar atitudes e respostas discursivo-pragmáticas típicas de desculpas num enquadramento brasileiro. A seguir, expomos os nove experimentos que utilizamos como recurso estratégico para apreender respostas num enquadramento de escusas.

1º Enquadramento experimental: na quadra da escola

Estímulo: Você está correndo distraído brincando pela quadra da escola. De repente, sem querer, você pisa no pé de uma outra pessoa que estava parada. O que você diz a ela?

Reações:

Desculpa, foi sem querer / Desculpa, eu esqueci (Gabi, 11 anos, LH)

Mil desculpas, estava correndo distraída. (Maitê, 10 anos, LM)

Do ponto de vista gramatical, ambas se utilizam de construções passíveis de uso na sociedade brasileira. A falante de LM, no entanto, incorpora mais efetivamente à sua resposta uma situação que colocaria o interlocutor na situação de obrigatoriamente de atender ao seu pedido; afinal, ela não pode ser culpada se estava em velocidade e distraída. É um fato que pode ser lido como acidental. Já a falante de LH arrisca duas respostas: a primeira focalizando não o fato, mas sua agentividade no fato; na segunda resposta, cria uma situação incompreensível e indesculpável por fugir ao enquadramento pragmático requerido.

2º Enquadramento experimental: Cinema e a lição

Estímulo: A sua professora passou uma lição para amanhã, mas você não fez porque preferiu ir ao cinema com os amigos. O que você responderá quando ela descobrir que você não fez?

Reações:

Desculpa, eu esqueci (Gabi, 11 anos, LH)

Professora, meu material ficou no carro do meu pai, e como ele trabalha em outra cidade, não consegui fazer. (Maitê, 10 anos, LM)

Novamente, a falante de LH desloca para si a responsabilidade sobre o erro cometido, enquanto a falante de LM mobiliza contexto plausível para que a professora não tenha outra saída que não seja a de desculpá-la pela falha, já que a responsabilidade parece ser de seu pai.

3º Enquadramento experimental: Falta de tempo para a lição

Estímulo: A sua professora passou uma lição para o dia seguinte, mas você não fez porque não teve tempo. O que você dirá quando ela te perguntar sobre a lição?

Reações:

Desculpa, Professora, eu esqueci de fazer (Gabi, 11 anos, LH)

Minha agenda estava com muita tarefa, por isso não consegui arrumar tempo para fazer todas as tarefas. (Maitê, 10 anos, LM)

A falante de LH fronteira a sentença com o pedido direto de desculpas, já assumindo seu caráter agentivo diante da falha. Entretanto, a falante de LM, mais habilidosa no contexto discursivo-pragmático, identifica uma resposta mais longa e aparentemente mais plausível para sua falha.

4º Enquadramento experimental: banheiro do shopping center

Estímulo: Você está num shopping e, de repente, sente vontade de ir ao banheiro. Quando chega, não percebe que há uma pessoa na cabine e abre a porta sem querer. O que você diz nessa situação?

Reações:

Nada haha eu só ignoro e finjo que nada aconteceu (posso responder isso?)
(Gabi, 11 anos, LH)

Desculpe, não percebi que tinha gente. (Maitê, 10 anos, LM)

Numa situação em que o outro a quem se deve pedir desculpas é alguém fora do círculo de conversas cotidianas, a falante de LH não consegue intuir um quadro plausível para o fato ocorrido, mas a falante de LM não tem dúvida sobre a necessidade de desculpar-se dizendo o óbvio, mas aceitável nessas situações por outras brasileiras.

5º Enquadramento experimental: um segredo confidenciado

Estímulo: Um amigo confidenciou um segredo. Mas, mesmo diante do pedido de discrição, você decide ajudá-lo e, para isso, conta seu segredo.

Reações:

Eu contei, pois queria te ajudar a resolver os seus problemas. Achei que seria melhor ter a ajuda de uma pessoa de confiança. (Maitê, 10 anos, LM)

Desculpa, mas eu achava que não era um segredo tão grande assim, que as pessoas não podem descobrir. (Gabi, 11 anos, LH)

Num enquadramento de maior intimidade, mais delicado portanto, ambas mobilizam mais material sintático para explicar o inexplicável do ponto de vista do interlocutor, mas possível do ponto de vista das meninas. As soluções para não perder o amigo, contudo, são muito diferentes: a falante de LH apela para o bom senso de que não se pode enfrentar o problema sozinho, e ela tentou, assim, ajudá-lo. Já, a falante de LM apostou no contexto de desentendimento na origem, ao dizer que não percebera a real intenção do falante quando lhe relatou o caso.

6º Enquadramento experimental: compartilhar segredo

Estímulo: O que você diz ao seu amigo quando ele descobre que você contou o segredo dele?

Reações:

Contei, pois não achei que fosse tão importante assim, por isso pensei que todos poderiam saber. (J) (Maitê, 10 anos, LM)

Desculpa, mas eu achava que não era um segredo tão grande J (Gabi, 11 anos, LH)

Ainda num enquadramento de intimidade fraternal, reformulamos a pergunta para ter a certeza de que o comando fora bem compreendido. Agora, colocamos em foco a ação de contar deliberadamente um segredo do amigo. Ambas, nesse contexto, reagem de forma similar.

7º Enquadramento experimental: chegar atrasado a compromisso

Estímulo: Você tentou, mas não conseguiu chegar na hora. O que você diz quando chega no ambiente?

Reações:

Não falo nada, apenas peço “licença”. (Maitê, 10 anos, LM)

Eu falaria que eu tô doente ou que alguma coisa está doendo (Gabi, 11 anos, LH)

Retomando o enquadramento escolar, focalizamos a perda da hora, que é bem comum e quase naturalizada entre brasileiros, mas não entre alemães. A falante de LM revela essa forma natural de agir dos brasileiros, mas a falante de LH já demonstra sua preocupação buscando um contexto que possa justificar uma falha tão grande em sua cultura de origem.

8º Enquadramento experimental: o celular do amigo

Estímulo: Você estava mexendo no celular de um amigo e, de repente, o aparelho cai no chão. O que você diz ao seu amigo?

Reações:

Digo que o celular escapou da minha mão, mas que não aconteceu nada com ele. (Maitê, 10 anos, LM)

Me desculpa (e isso eu falaria mil vezes), foi sem querer, juro que eu pago para você o que tá quebrado (Gabi, 11 anos, LH)

Um aparelho celular hoje representa a dinâmica da vida dos jovens e, para o contexto brasileiro, não é um aparelho barato. Mas, por ser a escola de padrão social mais abastado, a falante de LM julga ser o suficiente deslocar o celular para o papel de agente e não a si. A falante de LH, no entanto, evidencia a gravidade de erro, pedindo mil desculpas e se prontificando a ressarcir pela despesa do conserto.

9º Enquadramento experimental: preguiça de ir à aula

Estímulo: Hoje você acordou sem vontade de ir para a escola. O que você diz a sua mãe?

Reações:

Estou doente, mãe! Minha cabeça e minha barriga estão doendo. Meu corpo inteiro está molengo. (Maitê, 10 anos, LM)

Eu falaria que eu estou doente ou que alguma coisa está doendo (Gabi, 11 anos, LH)

O último experimento coloca em interação imaginada a mãe e a filha. A filha deve solicitar à mãe algo delicado e que foge à rotina. Ambas as meninas se utilizam de estratégia muito parecida para convencer a mãe sobre não ir para a escola.

É pressuposto da cognição que as estratégias pragmáticas revelam a cultura. Considerando que as meninas têm histórias sociais diferentes em grande medida, uma mais e outra menos inserida nos costumes brasileiros, então esperávamos que os modos de se desculparem fossem igualmente diferentes. Vimos que isso é verdade em situações constrangedoras, mas o que cada uma considera constrangimento é diferente em alguns casos (vide enquadramento 7, por exemplo). Há também similaridades, que revelam possíveis rompimentos com padrões familiares de conduta, como foi o caso de faltar à aula por falta de vontade ou preguiça (vide enquadramento 9).

Esse constrangimento variável de cultura para cultura é o que determina a quantidade de material sintático mobilizado para construir a desculpa no contexto imaginado. Nesse sentido, o princípio de iconicidade valida-se em questões pragmáticas, como é o caso da preservação da face dos falantes e a relação disso com a cultura em que se interage. Esses elementos constituem-se fortes evidências de que a Pragmática cultural deve ser abordada em sala de aula, não apenas de modo genérico e exclusivamente linguístico, como ocorre com cumprimentos, desculpas e expressões

de gentilezas. Todos esses elementos são relevantes para que um indivíduo se insira numa dada cultura, mas o conhecimento dos contextos típicos é o que fará a diferença para aqueles que têm uma LH.

5. Considerações finais

Como pudemos demonstrar na primeira seção de análise em que descrevemos e discernimos os tipos de desculpas no português do Brasil escrito, as formas são selecionadas para atender ao grau de preocupação com a proteção à face, de modo que a “porta se mantenha aberta” para outras interações. Lembremo-nos de que as interações escritas que nos foram cedidas inicialmente para um estudo exploratório constituem-se resposta que funcionam exitosamente numa bolha de polidez apartada da interação face a face que é a interação entre pares e também entre parceiros hierarquicamente arranjados em grupos de estudos e de pesquisa na Universidade, reduto de alta polidez e de habilidoso manejo dos esquemas de sobrevivência acadêmica.

Alguns desses padrões puderam ser analisados como insuficientes nas reações da adolescente estrangeira que tem o português como LH, porque suas atitudes distanciam-se, em alguns contextos, daquelas consideradas típicas de brasileiros. Cabe, naturalmente, discutir em que medida é relevante adotar padrões de atitudes brasileiros, mas, antes que se jogue por terra essa relevância, é preciso considerar que o peso do grupo na faixa etária da adolescência é muito maior do que nas demais faixas. Eis a razão por que compete também ao professor de LH abordar temas diferentes daqueles tratados no ensino de língua adicional.

Igualmente, comparar a complexidade de linguagem em termos pragmáticos é uma incumbência do professor, pois este pode conduzir reflexões sobre atitudes, sobre respostas sociais e sobre a força do grupo em culturas diferentes. Estar ou não dentro de padrões culturais, e revelar isso por meio de atitudes discursivo-pragmáticas requer a complexidade de inputs muito mais do que a pura aprendizagem da língua como

gramática ou interação distante das cenas reais talhadas pelas variáveis atinentes ao grupo de falantes a que o indivíduo precisa ou deseja se encaixar.

Logo, para que possamos argumentar sobre a alta complexidade de linguagem para quem está mais tempo dentro da sociocultural, é necessário ir muito além dos conceitos de língua e de normatividade. Precisamos de criar oportunidades de inputs entre os adolescentes de LH, mesmo entre os que estão vivendo um momento de imersão sociocultural no país em que um dos pais nasceu e viveu por longos anos antes de sair do país.

Consideramos, após os experimentos, que as desculpas podem denunciar o grau de inserção sociocultural de falantes de LH, ou seja, esse evento parece ser importante para distinguir culturas ou mesmo para compreender a relevância contextual desses usos. Com base nos resultados, pudemos aferir a eficiência desse objeto linguístico como tópico de especial interesse para abordagens didático-pedagógicas que envolvem línguas adicionais (LA), mas revela-se fundamental entre os falantes de LH, posto que estes necessitam vivenciar inputs de considerável frequência entre as crianças e adolescentes, já vivenciados em sua cultura de LM.

Assim, priorizar a desculpa como um objeto científico de estudo constituiu-se momento propício para que refletíssemos sobre comportamentos e atitudes próprias de cada cultura (alemã e brasileira) em contextos de aquisição de linguagem. Decorrem dessa reflexão estudos que englobam atos de fala, estratégias de polidez, ações sociais e ferramentas para resolução de conflito, pois estes integram o campo que é precioso para aproximar culturas e formas de pensar numa cultura de herança, a Pragmática.

Referências Bibliográficas

CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. In: **Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences**, ed. Patrick Hogan, 1-11. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

FÁVERO, L L; AQUINO, Z. G. O. Os atos de agradecimento. In: Vários autores. **Dino Preti e seus temas**. São Paulo: Cortez, 2001, pp. 107-117.

GIVÓN, T. **The genesis of syntactic complexity. Diachrony, ontogeny, neuro-cognition, evolution**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2009.

JOHNSON, W. Palavras e não palavras. In: STEINBERG, C. S. **Meios de comunicação de massa**. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 47-66.

LIMA-HERNANDES, M C. Sociolinguística e Línguas de herança. In: MOLLICA, M. C.; FERRAREZI JR., C. **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016, pp. 97-110.

LIMA-HERNANDES, M. C.; CIOCCHI-SASSI, K. V. Língua de herança como integradora de identidades. In: JEANNINGS-WINTERLE, F.; LIMA-HERNANDES, M. C. (Org.). **Português como Língua de Herança: A filosofia do começo, meio e fim**. 1ed. New York: Brasil em Mente, 2015a, v. 1, p. 104-115.

LIMA-HERNANDES, M. C.; CIOCCHI-SASSI, K. V. Língua de Herança: por uma política pública justa. In: CHULATA, K. de A. (Org.). **Português como língua de herança: discursos e percursos**. 1ed. Lecce: Pensa Multimedia Editore, 2015b, v. 1, p. 17-33.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

OGIERMANN, E. **On apologizing in negative and positive politeness cultures**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. <https://doi.org/10.1075/pbns.191>

PHILIPS, S. U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P.M. **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 16-30.

SARTIN, E. B. de G. **O português de herança em território fronteiriço: a LH em Olivença como arma para preservação de um grupo minoritário**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.

TAYLOR, C. Mock politeness and culture: Perceptions and practice in UK and Italian data. **Intercultural Pragmatics** 2016; 13(4), p. 463–498.

TOMASELLO, M. **Why we cooperate**. Massachusetts: MIT, 2009.

Artigo recebido em: 30.10.2017

Artigo aprovado em: 20.03.2018